HISTÓRIAS PARA FILOSOFAR: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA INTEGRANDO MITOLOGIA, FILOSOFIA E CULTURA POPULAR

Marília Moreira Lima[1]

Universidade Federal do Cariri (UFCA)

mariliamlimas@hotmail.com

Maria Sônia Taveira de Andrade[2]

Secretaria da Educação do Ceará (SEDUC-CE)

soniaacopiara@gmail.com

Antonia Patrícia de Sousa Costa[3]

Secretaria da Educação do Ceará (SEDUC-CE)

patricia.acopiara@hotmail.com

Resumo

O presente artigo é um relato de experiência que descreve a proposta pedagógica Histórias para Filosofar, desenvolvida no contexto do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO/UFCA), em parceria com professoras da rede pública estadual do Ceará. A experiência teve como objetivo repensar o ensino de Filosofia, aproximando-o da realidade dos estudantes e das narrativas que compõem suas origens e modos de vida. A proposta buscou integrar mitologia, filosofia e cultura popular, reconhecendo a importância da ancestralidade, da identidade cultural e dos conhecimentos indígenas como fundamentos do pensar filosófico. A justificativa para a realização dessa experiência parte da necessidade de romper com o modelo eurocêntrico de ensino, que privilegia uma única forma de racionalidade e exclui saberes tradicionais e simbólicos. A metodologia utilizada baseou-se na pesquisa-ação e nas metodologias ativas, com a realização de rodas de conversa, leituras compartilhadas e atividades lúdicas. O ponto culminante foi a aplicação de um jogo filosófico intitulado *Histórias para Filosofar*, criado pelas autoras do projeto, composto por perguntas baseadas nas leituras e reflexões coletivas. Conclui-se que o ensino de Filosofia, quando dialoga com a ancestralidade e com a cultura popular, amplia as possibilidades de aprendizagem e promove o sentimento de pertencimento. A proposta reafirma a importância de uma Filosofia viva, situada e plural, capaz de reencantar o espaço escolar e promover uma educação crítica e sensível às diferentes

[1] Mestranda em Filosofia, pela Universidade Federal do Cariri, UFCA. Professora de Filosofia, na EEEP. Alfredo Nunes de Melo, em Acopiara - Ceará.
[2] Coordenadora na EMTI. Maria Leal Teixeira, professora de Inglês, Mestranda pelo Centro Universitário.
[3] Mestra em Letras, pela Universidade Federal de Campina Grande, UFCG. Professora de Inglês, Regente de Multimeios na EEEP. Alfredo Nunes de Melo.

formas de existir.

Palavras-chave: Filosofia. Ancestralidade. Cultura Popular.

1. INTRODUÇÃO

O projeto *Histórias para Filosofar* surge da necessidade de repensar o ensino de Filosofia, tornando-o mais próximo da vida e da realidade dos estudantes. Durante muito tempo, a Filosofia na escola foi apresentada como uma disciplina distante, excessivamente teórica, e desvinculada das vivências cotidianas. A proposta, portanto, nasce do desejo de criar um espaço onde o pensamento filosófico possa dialogar com as experiências, os afetos e as histórias que constituem os sujeitos.

Com essa inspiração, a experiência foi concebida como um caminho para resgatar o caráter vivo da Filosofia, aquele que nasce da oralidade, dos mitos, das canções e das tradições que circulam entre gerações. Ao invés de um ensino centrado apenas na abstração conceitual, propõe-se um filosofar enraizado nas culturas locais, capaz de transformar o ato de aprender em um gesto de escuta e pertencimento.

A proposta também se apoia em perspectivas que entendem a Filosofia como prática existencial e coletiva, em sintonia com epistemologias ameríndias e afrodescendentes. Ailton Krenak (2020) lembra que os saberes ancestrais, "ainda guardam vivências preciosas que podem ser compartilhadas" (KRENAK, 2020, p. 62) nesse sentido, pensar é um ato de pertencimento, e que o conhecimento não deve ser separado da terra, do corpo e da memória. Nesse mesmo espírito, o projeto busca romper com as fronteiras entre o racional e o sensível, o pensamento e a vida.

Assim, a introdução de Histórias para Filosofar não apresenta apenas uma proposta pedagógica, mas um convite à reencantação do pensar. Ao integrar mitologia, cultura popular e filosofia, o projeto propõe um ensino que devolve à escola o sentido de comunidade e o prazer da descoberta — uma filosofia que se faz entre histórias e vozes.

2 DESENVOLVIMENTO

A experiência *Histórias para Filosofar* foi desenvolvida como uma proposta pedagógica voltada ao ensino de Filosofia na educação básica, a partir de um olhar que integra ancestralidade, cultura popular e pensamento crítico. O projeto busca romper com a tradição eurocêntrica e abstrata da Filosofia escolar, aproximando-a das narrativas que fazem parte da vida cotidiana dos estudantes. Ao reconhecer a oralidade, os mitos e os

saberes tradicionais como espaços legítimos do pensar, a proposta reafirma o papel da Filosofia como prática viva, que nasce da escuta e do diálogo entre culturas.

Para além de uma atividade didática, *Histórias para Filosofar* é um exercício de descolonização epistemológica, que propõe ao estudante pensar a partir de sua própria história, da memória coletiva e das vozes que o antecedem. As ações foram realizadas em escolas públicas cearenses, com estudantes e professoras da rede estadual, e integraram a formação de docentes vinculadas ao Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO/UFCA).

A seguir, são apresentados o referencial teórico, a metodologia adotada e a discussão dos resultados obtidos com a experiência.

2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A proposta parte da compreensão de que o ensino da Filosofia é, em si, um exercício filosófico da pergunta. Como afirma Cerletti (2009), "A intencionalidade filosófica do perguntar se enraíza na aspiração ao saber. Mas seu traço distintivo é aspirar a um saber sem supostos". (CERLETTI, 2009, p. 24). Depensar o ensino de Filosofia é questionar seus métodos, linguagens e sentidos. Quando reduzido à transmissão de conteúdos ou à repetição de doutrinas, o ensino perde sua força criativa. É preciso, portanto, que o filosofar na escola volte a ser um gesto de curiosidade, de diálogo e de abertura ao desconhecido. Nesse sentido, "O desafio de todo docente – e muito em especial de quem ensina filosofia – é conseguir que em suas aulas, para além da transmissão, produza-se uma mudança subjetiva" (CERLETTI, 2009, p. 36).

Nesse sentido, o pensamento de Ailton Krenak (2022) é um marco fundamental. Em Futuro Ancestral, o autor defende que o conhecimento deve nascer da relação viva com o mundo, e não da separação entre sujeito e natureza. Ao afirmar que "o cosmo é a natureza", Krenak propõe um deslocamento profundo: pensar é um modo de habitar a terra, e não de dominá-la. Tal perspectiva inspira o ensino de Filosofia a se tornar um espaço de pertencimento e cuidado.

Ele reforça essa ideia ao dizer que "os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui" (KRENAK, 2022, p. 11). Com essa imagem poética, Krenak nos convida a pensar o futuro não como algo distante, mas como

continuidade de um passado que flui em nós — como os rios, que seguem seu curso e mantêm a vida em movimento. O futuro, portanto, não é invenção, mas memória em fluxo.

Tal perspectiva inspira o ensino de Filosofia a se tornar um espaço de pertencimento e cuidado, onde o ato de pensar se reconecta à experiência, à natureza e à ancestralidade. Ao acolher essa visão, *Histórias para Filosofar* compreende a sala de aula como um rio em correnteza: um lugar onde as ideias se movem, se encontram e se transformam, reafirmando que o verdadeiro conhecimento é aquele que continua a correr, nutrindo o presente com a força de suas origens.

Para melhor evidenciar, Maria Inez do Espírito Santo (2015), em *Vasos Sagrados*, apresenta os mitos indígenas como instrumentos de reflexão e sabedoria. Para ela, o mito é uma linguagem simbólica que guarda valores, lições e visões de mundo. Já Camila Prado (2013), em *Metade Vale Mais que Tudo*, mostra que o pensamento filosófico pode emergir da literatura, da arte e das narrativas cotidianas. Ambas as autoras inspiram um modo de filosofar que não se opõe à emoção ou à imaginação, mas as acolhe como dimensões do conhecimento.

Assim, a fundamentação teórica do projeto apoia-se em uma concepção plural de Filosofia: uma prática que une razão e sensibilidade, teoria e vida, corpo e memória. Nessa perspectiva, o ensino filosófico torna-se também um gesto político, o de afirmar outras epistemologias e reconhecer saberes historicamente silenciados.

2.2 METODOLOGIA

A metodologia de Histórias para Filosofar fundamenta-se na pesquisa-ação e nas metodologias ativas, buscando envolver professores e estudantes como sujeitos ativos no processo de reflexão e criação. A pesquisa-ação permitiu que o planejamento e a prática se alimentassem mutuamente, enquanto as metodologias ativas favoreceram o protagonismo dos alunos e o diálogo entre diferentes saberes.

A revisão bibliográfica envolveu as obras de Ailton Krenak (2022), Maria Inez do Espírito Santo (2015) e Camila Prado (2013), que foram escolhidas por apresentarem diferentes perspectivas sobre ancestralidade, cultura e Filosofia. Essas leituras orientaram a criação de categorias de análise: *ancestralidade*, *identidade cultural* e *saberes simbólicos*. Tais categorias serviram de base para a formulação das perguntas filosóficas

utilizadas nas atividades e para a reflexão teórica sobre o papel da Filosofia no contexto educacional.

O ponto de partida foram rodas de conversa e atividades de sensibilização, em que os estudantes foram convidados a refletir sobre perguntas filosóficas essenciais: “O que é o conhecimento?”, “O que é a ancestralidade?”, “O que nos liga à natureza?”. Essas questões funcionaram como disparadores para leituras compartilhadas e discussões em grupo sobre as obras de Krenak, Espírito Santo e Prado.

As etapas da experiência compreenderam:

1. **Sensibilização e escuta** – por meio de rodas de conversa, nas quais os estudantes refletiram sobre perguntas centrais: “O que é a verdade?”, “O que é o conhecimento?”, “O que significa ancestralidade para você?”.
2. **Leitura e diálogo** – discussão coletiva de trechos selecionados das obras de Krenak, Espírito Santo e Prado, relacionando-as com a realidade local e as vivências dos participantes.
3. **Jogo filosófico** – criação e aplicação de um jogo de trilha, elaborado pelas autoras do projeto, com perguntas inspiradas nas leituras e nas reflexões desenvolvidas durante os encontros.

A atividade com o jogo Histórias para Filosofar, demonstrou que é possível transformar o estudo filosófico em uma experiência de encantamento. Ao articular leitura, reflexão e ludicidade, a proposta aproximou o pensamento filosófico das práticas culturais dos estudantes, mostrando que aprender pode ser também um ato de alegria e invenção.

Após as leituras, foi proposto um jogo filosófico, criado pelas autoras do projeto, composto por perguntas que retomavam conceitos e ideias das obras estudadas. O jogo, estruturado em formato de trilha, estimulava o raciocínio, o trabalho em equipe e o diálogo entre os participantes. Cada pergunta levava a novas reflexões sobre ancestralidade, identidade, pertencimento e modos de viver. Essa dinâmica lúdica possibilitou que o filosofar acontecesse de maneira espontânea, criativa e afetiva.

O jogo serviu como instrumento metodológico central, articulando ludicidade e reflexão. As respostas dos grupos não tinham caráter avaliativo, mas eram valorizadas como expressões do pensar filosófico em construção.

Figura 1 – Momento de Sensibilização e escuta



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 2 – Leitura e diálogo



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 3 – Jogo filosófico



Fonte: Acervo pessoal da autora

2.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A realização da experiência permitiu observar que, ao relacionar Filosofia, mitologia e cultura popular, os estudantes se tornaram protagonistas do processo de aprendizagem. O diálogo com os mitos e com as narrativas familiares fez emergir memórias adormecidas e um sentimento coletivo de pertencimento.

Durante a aplicação do texto filosófico, notou-se grande envolvimento dos participantes. As perguntas geravam debates espontâneos, risadas e momentos de silêncio reflexivo. Um dos grupos, ao ser questionado sobre o que seria "o verdadeiro conhecimento", respondeu: *"É quando a gente aprende com o que sente e com o que o outro vive"*. Essa fala expressa o deslocamento que o projeto provocou: a Filosofia passou a ser percebida como uma prática do sentir e do conviver, e não apenas do raciocinar abstrato.

Como observam Krenak (2022) e Espírito Santo (2015), o pensamento se dá na relação com o mundo e com os seres que o habitam. Essa percepção foi vivenciada na prática pelos estudantes, que começaram a compreender o conhecimento como uma experiência compartilhada. Além disso, o jogo se mostrou uma ferramenta eficaz para integrar raciocínio e emoção, promovendo um aprendizado significativo e afetivo.

As professoras envolvidas relataram que a experiência contribuiu para fortalecer o vínculo entre os alunos e a disciplina, tornando as aulas mais dinâmicas e participativas.

A ludicidade possibilitou que o filosofar se transformasse em um ato de liberdade, onde o corpo, a escuta e a imaginação tiveram lugar central.

Os resultados confirmam que o ensino de Filosofia pode ultrapassar o campo do discurso e alcançar o campo da experiência. Ao se basear na ancestralidade, a proposta revela que pensar também é um ato de recordar — e que recordar é, em si, um gesto de resistência e de criação de novos sentidos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência Histórias para Filosofar reafirma a importância de um ensino de Filosofia que nasce do diálogo entre o saber acadêmico e os saberes da terra, das vozes e das memórias. Ao integrar mitologia, filosofia e cultura popular, a proposta rompe com o formato tradicional de ensino e inaugura uma pedagogia da escuta e da convivência.

Os resultados evidenciaram que o pensar filosófico pode emergir do lúdico, do simbólico e do poético. O jogo filosófico História para Filosofar, ao estimular a reflexão e o diálogo, mostrou que o aprendizado pode ser também um processo criativo e afetivo. Assim, ensinar Filosofia torna-se um modo de reencantar a escola e devolver sentido à experiência do aprender.

Mais do que uma proposta didática, Histórias para Filosofar é um gesto de resistência e esperança. É a busca por uma Filosofia que se reconhece mestiça, plural e situada, que aprende com o corpo, com a terra e com as histórias. Ao valorizar a ancestralidade, ela transforma o espaço escolar em território de encontro entre mundos e tempos.

Por fim, compreender a Filosofia como prática viva é reconhecer que o pensamento não está apenas nas palavras escritas, mas também nos gestos, nas narrativas e nas brincadeiras. É neste encontro entre razão e sensibilidade que a educação se torna libertadora e que o filosofar volta a ser, como nas antigas tradições, uma celebração da vida.

4. REFERÊNCIAS

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ESPÍRITO SANTO, Maria Inez do. **Vasos Sagrados: mitos indígenas brasileiros.** Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para cultura do Bem-Viver.** Rio de Janeiro: Organização Bruno Maia, 2020. KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

PRADO, Camila do Espírito Santo. **Metade Vale Mais que Tudo.** Belo Horizonte: UFMG, 2013.